



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS**

JOSÉ ARMANDO CORREIA

**A variação linguística no contexto escolar dos alunos dos anos finais do
ensino Fundamental II de escolas municipais do interior da Bahia.**

ILHÉUS-BAHIA

2013

JOSÉ ARMANDO CORREIA

**A Variação Linguística no contexto escolar dos alunos dos anos finais do
Ensino Fundamental II de escolas municipais do interior da Bahia.**

Artigo apresentado à Graduação em Letras
Vernáculas da Universidade Estadual de Santa
Cruz, na Linha de pesquisa da Linguística, sob a
orientação da Professora M^a Raquel da Silva
Ortega, como quesito oficial de conclusão de curso.

ILHÉUS-BAHIA

2013

Conhecer a história da língua, a tradição gramatical, a riqueza de nosso vocabulário, a beleza da nossa literatura oral e escrita, o potencial da nossa linguagem – tudo isso é muito bom é precioso e deve ser cultivado. Só não podemos deixar que alguém transforme tudo isso numa arma,num arame farpado...(Bagno 2007, pág. 160)

A Variação Linguística no contexto escolar dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II de escolas municipais do interior da Bahia.

José Armando Correia¹

RESUMO

Este artigo tem por escopo investigar a variação linguística presente no contexto escolar dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II em cidades do interior da Bahia. A pesquisa partiu de uma análise bibliográfica sobre o tema, buscando informações e características necessárias ao estudo e compreensão das mesmas. E para tanto, foram tomados como base os estudos e contribuições estabelecidas e oferecidas por uma vertente da Linguística, que norteiam e dão sentido à mesma, bem como seus teóricos e autores como Jakobson (1982), Tarallo (1997) e Bagno (2007), dentre outros que dão ênfase a esta área de conhecimento. Assim espera-se contribuir para os estudos da linguagem, bem como compreensão do fenômeno em questão.

Palavras-Chave: Variação Linguística, Análise bibliográfica, vertente.

INTRODUÇÃO

Sabendo que a Língua Portuguesa não é homogênea, pois se assim fosse, estariamos ainda pronunciando da mesma maneira de quando os portugueses aqui chegaram é importante destacar que de lá pra cá, houve várias mudanças que são perceptíveis tanto na fala quanto na escrita.

¹Graduando em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. / Graduando em Serviço Social pela FACSUL/UNIME de Itabuna-Ba. (j.armando_correia@hotmail.com)

Além disso, como nosso país é multicultural, ou seja, em sua formação apresenta vários aspectos de outras culturas, percebe-se claramente que na nossa língua há presença de variações, sejam elas de cunho regional (na qual cada lugar brasileiro, existe uma forma de pronunciar determinadas palavras, mas que, sobretudo possuem o mesmo significado), ou social que se apresenta através do nível econômico que cada indivíduo possui.

É importante destacar que as metodologias utilizadas pelo ensino brasileiro, não têm acolhido essas formas diferentes de pronúncia e, sobretudo em grande destaque a região nordeste, que por seu processo de formação a realização de alguns sons é bastante marcada por variações regionais, ou melhor dizendo, pelos dialetos.

Vale lembrar o que diz Aragão (2010), onde acredita que os preconceitos e estigmas com essas variações fazem com que as mesmas sejam consideradas erradas, sem prestígio e, consequentemente, evitadas ou mesmo banidas dos livros didáticos e das salas de aula.

1. A GRAMÁTICA NORMATIVA: instituição da língua padrão

É sabido que na Língua Portuguesa, a gramática normativa é tida como padrão no ensino e que todos os indivíduos, a partir do momento em que entram na escola, precisam estar em consonância com a mesma, ou seja, são obrigados a seguirem um modelo padrão de escrita e fala. Desse modo os professores, que são responsáveis pelo aprendizado dos seus alunos dentro da unidade escolar, tentam passar da forma mais clara possível, para os mesmos, a maneira correta e instituída pela norma culta padrão de se falar e escrever. Nessa perspectiva, observa – se que esse padrão da língua instituído, não é algo recente, mas que vem perdurando desde os tempos remotos. De acordo com Bagno (2007)

A gramática é um produto intelectual de uma sociedade aristocrática, machista, escravagista, oligárquico, fortemente hierarquizado que adotou um modelo de língua característico de um grupo restrito de falantes que são do sexo masculino; livres (não escravos); membros

da aristocracia política; detentores da riqueza econômica. (BAGNO 2007 p.67-68).

Assim Bagno (2007) faz uma retomada histórica, destacando a época da escravidão e colonização, onde apenas os homens livres e a burguesia faziam o uso da língua padrão. A outra parcela da população, como os negros, pobres e o proletariado que não tinham acesso à educação, faziam o uso da língua informal, popular. Que na maioria das vezes era vista na sociedade da época como: feias, corrompidas e fora do comum. Silva e Estevam (2009) ainda acrescentam que:

A língua culta é chamada de variedade padrão, e é interessante destacar que ela não é simplesmente a língua original, é o resultado de uma atitude social, onde o indivíduo escolhe um dos modos de falar entre vários existentes e também por outro lado define um conjunto de normas que definem o modo correto de falar. Quem define o melhor modo e correto, são os grupos socialmente dominantes. (SILVA E ESTEVAM, 2009, p. 18).

Desse modo a língua padrão instituída pela norma culta não pode ser vista como original. Pois se sabe que existem várias maneiras de proferir uma sentença, utilizando – se de outras palavras que não condizem com a norma culta, mas que, no entanto expressam o mesmo sentido.

Bagno (2002) comenta ainda em seu livro, intitulado: - Dramática da Língua Portuguesa: tradução gramatical, mídia e exclusão social, que a Gramática na maioria das vezes é vista como uma ciência, mas que no entanto isso não é verdade, ela é apenas doutrina seguida por uma sociedade que caracteriza com normas e parâmetros a forma “correta” de falar e escrever. Evidencia ainda que:

Me parece muito instrutivo comparar a gramática Tradicional à Alquimia e a Astrologia. Cada uma desses três pseudociências, como foi feito, está na origem de uma ciência [...] Se não é uma ciência o que é a Gramática Tradicional? É uma doutrina, composta de dogmas a serem aceitos como verdades incontestáveis e não de leis empiricamente testáveis, sujeitos a comparação ou a refutação. Seu corpo de definições, preceitos e prescrições apenas aparentemente serve para um estudo da Língua. A função dele é, de fato substancialmente, ideológica: a GT é um instrumento, um dos muitos, de legitimação das classes dominantes do poder (BAGNO,2000,p.22).

Desse modo Bagno traz a tona que a gramática não é uma ciência, por se tratar de algo rígido, insolúvel, ou seja, para ser considerada uma ciência ela tem que ter características que abarquem alguns instrumentos como: estudo,

contestação, refutação e comparação se assim houver outros estudos acerca do que for colocado em questão.

2. Mas na verdade o que é a linguística e a sociolinguística?

2.1 A Linguística

Quando se fala em Linguística, logo vem a cabeça uma peça fundamental para que os estudos dessa ciência seguissem em frente, o grande Saussure, pois graças as suas contribuições e trabalhos, a Linguística ganhou autonomia, objeto e métodos próprios.

A linguística, eu ouso dizer, é vasta. Em especial ela comporta duas partes: uma que está mais perto da língua, depósito passivo, outra que está mais perto da fala, força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que logo se avista, pouco a pouco na outra metade da linguagem (SAUSSURE, In: ELG, 2002, p. 232)

Desse modo Saussure então coloca em evidencia duas características que norteiam a Linguística a língua que de modo geral é estudada em sua maioria e a fala que configura - se como parte essencial para que esse processo aconteça.

Assim, Linguística é a ciência que trata do estudo da linguagem e que se ocupa em compreender a mesma, bem como suas instancias e aplicabilidade. Martinet (1978) ainda acrescenta:

A linguística é o estudo científico da linguagem humana. Diz –se que um estudo é científico quando se baseia na observação dos fatos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais fatos, em nome de certos princípios estéticos ou morais. ‘Científico’ opõe-se a ‘prescritivo’. No caso da linguística, importa especialmente insistir no caráter científico e não prescritivo do estudo: como o objeto desta ciência constitui uma atividade humana, é grande a tentação de abandonar o domínio da observação imparcial para recomendar determinado comportamento, de deixar de notar o que se realmente se diz para passar a recomendar o que deve dizer-se. (MARTINET,1978,p.4)

Dessa forma a Linguística se concretiza por analisar e compreender os fenômenos que ocorrem na linguagem, mas não apenas em seu contexto estético ou padrão. Implica então na compreensão e no estudo mais específico e científico da língua.

2.2 A sociolinguística

O estudo da Sociolinguística tem como referencial o grande pesquisador William Labov que iniciou seus estudos na década de 1960 e que através dos mesmos trouxe várias contribuições significativas para a Linguística e, sobretudo para a Sociolinguística. Em 1972, em seu trabalho de investigação, Labov sinaliza que a variação linguística é apresentada como um processo sistemático e não aleatório e que esse processo é acrescido de dois fatores o social e o linguístico.

Desse modo, não se pode mencionar a linguagem sem relacioná-la com o social, pois a ligação que existem entre ambas é que constituem os indivíduos. Conforme Signorini (2002)

A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregar socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja, do indivíduo; é acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse a sua boca. (SIGNORINI, 2002. p. 76-77)

Nesse contexto de relacionamento entre a língua estabelecida e o ser social, destaca-se a Sociolinguística, segundo Mollica e Braga (2010) que definem a mesma como sendo uma das subáreas da Linguística e que estuda os fenômenos da língua, voltando-se para um tipo de investigação que corresponde aos aspectos e compromissos sociolinguísticos. Assim para Silva e Estevam (2009):

O objeto de estudo da sociolinguística é a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situações realmente vivenciadas. Parte de uma comunidade linguística, que é formada por pessoas que interagem verbalmente e que possuem um mesmo sistema de regras quanto ao uso linguístico da palavra. (SILVA e ESTEVAM, 2009. p.15).

É a partir desse objeto de estudo que se observam as várias formas de pronúncia do indivíduo, bem como seu contexto social e suas vertentes linguísticas dentro da cultura e da sociedade em que o sujeito está inserido.

Dentro da Sociolinguística, existem algumas áreas que são de interesse da mesma. Para Mollica e Braga (2010):

São muitas as áreas de interesse da sociolinguística: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística,

multilinguíssimo, variação e mudança, constituem temas de investigação na área. (MOLLICA e BRAGA, 2010, p.9).

Dentre todas essas áreas estabelecidas pela sociolinguística uma constitui-se de suma importância para que se comprehenda qualquer sociedade, dentro da sua cultura, língua e, sobretudo da fala. Nesse sentido destaca-se aqui a variação linguística. Essa será o enfoque principal desse artigo.

3. ENTENDENDO AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Entende-se por variações linguísticas as várias formas que o falante usa para pronunciar uma palavra. Desse modo comprehende- se que a Língua Portuguesa é estática e mutável, ou seja, há determinado momento em que toma outro modo de escrita, adequando assim a realidade vivida no momento. Tarallo (1997, p.5) acrescenta:

[...] O “caos” basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa (doravante chamadas “variantes linguísticas”) se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e como existência, ou, mais falisticamente, em um combate sangrento de morte.

Conforme Tarallo existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa, logo se entende que exista uma variável, na qual há duas ou mais variantes. É nesse aspecto de diferentes modos de expressar a mesma proposição que se confrontam as variações padrão e não padrão da língua, já que ambas realizam a comunicação, mas, no entanto a primeira é mais valorizada do que a segunda.

Segundo Saussure (2006), a variedade linguística constitui-se de dois eixos existentes, denominados de diatópico e diastrático. No primeiro, as questões estabelecidas pela variação se expressam regionalmente, ou seja, observam-se os limites físico-geográficos. Já no segundo essas manifestações são atribuídas e relacionadas com os diversos estratos sociais, assim o estudo dessas variações na escola é de suma importância, pois se faz necessário para que o aluno consiga identificar nas práticas sociais, os valores, as características existentes, bem como as vertentes estabelecidas por tal.

Dentro dessa perspectiva as variações linguísticas são apresentadas ainda por diversos fatores. Silva e Estevam (2009) caracterizam esses fatores da seguinte maneira:

Idade – Palavras que são estabelecidas ao longo do tempo e que passam por gerações, pois cada idade possui características e suas especificidades. Um garoto de 13 anos realiza um falar diferente de um idoso de 60 anos.

Gênero – Geralmente os indivíduos do sexo masculino possuem falares distintos aos do sexo feminino. Isso também é um fato que está condicionado a cultura e os padrões sociais em que esse indivíduo está inserido.

Propriedade Socioeconômica - Quando há desigualdade na propagação de bens materiais e meios culturais e que ocasionam disparidades sociolinguísticas. Normalmente indivíduos de baixa renda, ou com poder econômico muito baixo realizam em sua maioria o uso de uma linguagem mais popular, coloquial.

Escolaridade - Muito tempo na escola, bem como a qualidade da unidade escolar em que frequentou.

Convívio social – Pessoas com que temos contato diariamente.

Todos esses fatores são apresentados em sua maioria como marcadores das variações. Assim vale lembrar o que diz Fiorin (2004) que uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade por causa de seus falantes, ou seja, é tida como reflexão do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.

Partindo para um lado essencial dessas variações deve se atentar para dois aspectos, que são importantíssimos para identificação dessas, como a língua escrita e a língua falada. Em termos de desenvolvimento humano, a linguagem oral é muito anterior à linguagem escrita, porém na base histórica, nota-se que a escrita sempre foi valorizada, pois é vista como a melhor maneira para representar uma língua.

Existem ainda aqueles que acreditam que a língua escrita, destaca-se como língua formal, culta, já a língua falada pode ser considerada como coloquial, pois esta por ser uma representação natural da língua é responsável pelas inúmeras variações, desviando assim daquele modelo “adequado”, ou padrão convencionado e enraizado em nossa cultura como modelo ideal.

Mesmo sendo considerada como língua formal, a língua escrita também expressa algumas variações linguísticas e que muitas vezes essas variações são consideradas pela norma culta de “erros”.

Vale ressaltar que um falante da Língua Portuguesa, independentemente de sua classe social, ou ascensão escolar, sabe usar a língua materna para se comunicar, havendo assim uma comunicação.

É notório também que as línguas mudam com o tempo, basta compararmos o português que se usava na época medieval com o português que se usa atualmente, percebe-se que muitas palavras e expressões foram alocadas de outra maneira. É nesse contexto que podemos perceber o quanto a língua pode variar e o quanto os falantes desta podem apresentar certas variações.

Para tal é necessário atentar-se para as expressões destas variações, pois as mesmas podem estar ligadas a vários fatores, dentre eles: o social, econômico, escolaridade, idade, região e gênero. Na escola então é preciso que os docentes atentem para tais expressões. Para Preti (1984)

O que se poderia pensar, isto sim, como tarefa primordial do organismo escolar, seria, através de um lento processo cultural, levar os falantes das várias classes à consciência dos vários dialetos sociais, dos vários níveis da linguagem adequados às mais diversas situações e regidos pelas diferentes normas linguísticas (culto, comum, popular), sujeitas aos diversos fatores socioculturais que agem sobre a língua. (PRETI, 1984, p.7)

Contudo não se pode esconder ou ignorar a Variação Linguística, pelo contrário é importantíssimo apresentar esse assunto no cotidiano escolar, como forma de adequação de cada possibilidade linguística dado em um contexto geral ou particular. Tomando por base alguns estudos feitos, percebe-se que os alunos dos anos finais do ensino fundamental II de escolas municipais do interior da Bahia, demonstram que mesmo já tendo uma noção básica de norma culta e de construção gramatical, em suas construções linguísticas, seja ela de modo oral ou escrito realizam variação linguística.

4. PRESENÇA DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: realizadas pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental II de escolas municipais do interior da Bahia

A Região Nordeste do Brasil, assim como as outras regiões é marcada por uma cultura diversa e falares múltiplos, ou seja, possui a marca peculiar e as características de um povo.

Dentro dessa região a Bahia se destaca e se engradece por ser também multicultural e por ter um povo que “fala várias línguas”, ou seja, um povo que não perde suas raízes e que na maioria das vezes residem no meio rural, onde é ainda, mais difícil a educação de qualidade chegar e quando chega percebe-se que muitos ainda trazem consigo aquela marca característica no falar, denominada de dialeto e que fica preso em suas entranhas. De acordo com Tatiana (2009)

Toda língua possui variações, não é homogênea. Portanto a própria língua portuguesa possui suas diversidades, pode ser falada de várias formas por seus falantes, sejam eles do Brasil, de Portugal ou da Angola. A sociolinguística não vê essa diversidade como um problema e sim como um aspecto que faz parte da linguística e considera impossível haver língua sem a variação. (TATIANA, 2009,p.25)

Na Bahia, como em qualquer outro estado há presença das variações linguísticas e essa diversidade, seja ela de cunho educacional ou não, jamais podem ser presumidas como um empecilho ou problema e sim como formas diversas de proferir algo.

Nota-se, a partir das revisões de literatura empreendidas sobre o tema, que os alunos dos anos finais do ensino fundamental II, mesmo depois de passaram por uma educação mais padrão e conhecerem a norma culta, ainda carregam um pouco de sua linguagem natural, ou seja, seus dialetos em detrimento da maneira “correta” instituída pela sociedade de falar e escrever. Desse modo Soares (1980) afirma que:

Em primeiro lugar, uma escola transformadora não aceita a rejeição dos dialetos dos alunos pertencentes às camadas populares, não apenas por eles serem tão expressivos e lógicos quanto o dialeto de prestígio (argumento em que se fundamenta a proposta da teoria das diferenças linguísticas), mas também, e, sobretudo, porque essa rejeição teria um caráter político inaceitável, pois

significaria uma rejeição da classe social, através da rejeição de sua linguagem. Em segundo lugar, uma escola transformadora atribui ao bialectalismo a função não de adequação do aluno às exigências da estrutura social, como faz a teoria das diferenças linguísticas, mas a de instrumentalização do aluno, para que adquira condições de participação na luta contra desigualdades inerentes a essa estrutura. (SOARES, 1980:74)

A escola, então, deve aceitar o aluno e seu dialeto, mostrando ao mesmo tempo, que existe uma norma a ser seguida pela língua padrão, porém não o deixando de lado ou tendo qualquer ato de preconceito com o seu linguajar. Até mesmo porque essas variedades são importantes, pois sinalizam que em todo lugar existem formas distintas de falar, além de mostrarem a cultura trazida por cada um. Dessa maneira não é querer substituir a língua padrão pelos dialetos, mas acrescentar na sua formação mais um instrumento de comunicação.

5. O PRECONCEITO LINGUISTICO

Diante das variações linguísticas decorrentes, muitos indivíduos que as realizam na fala ou na escrita, na maioria das vezes sofrem um tipo de represália ou que se apresenta como preconceito linguístico. Por acharem que a língua padrão é a melhor forma para se expressar, alguns indivíduos condenam aqueles que fazem o uso da língua coloquial, popular. Muitos ainda acreditam que somente aqueles sujeitos que moram na periferia ou aqueles “marginalizados” fazem o uso das variações. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998)

O preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. (BRASIL, 1998, p.82).

A escola por ser um ambiente de aprendizado e de expansão de conhecimentos precisa mostrar para seus alunos as várias formas de se expressar e que essas formas são utilizadas em locais distintos e cada lugar exige uma maneira de realizar suas ideias linguísticas. Franciell e Tatiane (2009) acreditam que:

Independente da classe social a qual o indivíduo faz parte, ele deve ter conhecimento de que existem diferentes modos de expressar uma idéia e isso pode relacionar-se à linguagem mais culta da língua ou não. Para que o aluno, por exemplo, tenha conhecimento das variantes da língua é necessário que o professor se comprometa em apresentá-las, sempre mostrando que é importante ter consciência dos locais mais adequados para utilizá-las, ou seja, em um momento informal é adequado fazer uso do vocabulário informal, até mesmo as gírias; por outro lado, em uma situação formal (por exemplo, reunião de trabalho) isso se modifica, pois é exigida uma linguagem mais rebuscada (FRANCIELL & TATIANE,2009,p. 25).

É com essa característica que a escola e os professores podem orientar a forma como seus alunos enxergam e usam essas variações linguísticas, bem como a forma como às mesmas são apresentadas no cotidiano de cada um. Assim é importante ter em mente o grande conhecimento que esses alunos trazem consigo, ou seja, deve ser considerado não apenas o conhecimento e a linguagem padrão instituída pela escola, mas o seu conhecimento de mundo, onde cada um constrói seu aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo corrobora e ao mesmo tempo afirma a importância que o respeito pela Variação Linguística tem para o ensino-aprendizagem. Desse modo não se deve deixar de lado essas variações, mas mostrar aos alunos que elas existem e são várias as maneiras de se falar uma mesma palavra ou um enunciado e mostrá-los que mesmo sendo diferente da “NORMA PADRÃO” instituída pela sociedade, essas trazem conhecimento e que ao mesmo tempo é um indicador das características oral e escrita dos indivíduos que as pronunciam.

Não se deve olhar as Variações Linguísticas como uma linguagem errada e que precisa ser abolida da sociedade, pois as mesmas são elementos que indicam um processo cultural e social, presentes na realidade de cada indivíduo.

Portanto o fato de um sujeito ter pronúncias diferentes da norma padrão instituída pela sociedade, não significa que o mesmo está fora da realidade social e nem tão pouco não obtém meios necessário para a comunicação com outros sujeitos e com a sociedade. Pois se assim o fizer, estará perpetuando algo

desnecessário e que acarretará danos ao desenvolvimento dos indivíduos, o chamado Preconceito Linguístico.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Variantes diatópicas e diastráticas na Língua Portuguesa do Brasil.** 2010. <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/10907>. Acesso em 10/12/2013.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa: tradução gramatical, mídia e exclusão social.** 3º ED. São Paulo: Editora Loyola, 2005.331p.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística.** 1ºED. São Paulo: Editora Afiliada, 2010.238p.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico.** 52º. Ed. São Paulo: Editora: Loyola, 2009.207p.

DARKYANA, Francisca Ibiapina. **Variação Linguística em sala de aula de Língua Portuguesa.** 2012.

ESTEVAM, Tatiana de Cássia & SILVA, Franciele Evaristo da. **Variação Linguística na sala de aula: uma proposta por meio de textos dissertativos.** 2009.

FIORIN, José Luiz et al. **Introdução a Linguística:** I. Objetos teóricos. 6. Ed. São Paulo: Editora Contexto.

FREITAS,Wéllem Aparecida de. **Há Variação Linguística nas escolas públicas?** http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/ha_variacao_linguistica_nas_escolas_publicas.pdf. Acesso em 10/12/2013.

GOMES, Maria do Carmo Silva de Amorim. **A diversidade Linguística na escola: Um reflexo da vida social.** Universidade Federal do Piauí. 2012.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** 22º. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.207p.

LUCCHESI, Dante & ARAÚJO, Silvana. **Teoria da variação linguística.** <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em 05/11/2013.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.200p.

MONTE, Carolina Tavares da Silva & SALES, Ana Lúcia de. **Uma reflexão sobre a variação linguística e a prática docente no contexto das novas linguagens.** <http://www.ccsa.ufrn.br/6sel/anais/public/papers/gt6-06.pdf>. Acesso em 06/12/2013.

SILVA, Erica Bastos da. **Diversidade Linguística e Norma Padrão: um estudo sobre a formação linguística de professor da EJA,** 2010. <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10270/1/Dissertacao%20%20Erica%20Bastos%20Seg.pdf>. Acesso em 15/12/1013.

SILVA, Franciele Evaristo da & ESTEVAM, Tatiana de Cássia. **Variação Linguística na Sala de Aula: uma proposta de análise por meio de textos dissertativos – Bebedouro:** Fafibe, 2009. <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaletrasfafibe/sumario/6/14042010182008.pdf>. Acesso em 15/12/2013.

SOUZA, Antônia Escandiel de & PAUTZ, Silva. **A Diversidade Linguística no contexto Escolar.** http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos/07_L&C_1S/L&C1s07_Antonio.pdf. Acesso em 01/12/2013.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Editora Ática, 1999.

VAZZATA, Dias J.F.A. **Concordância de número nos predicados e nos participios passivos na fala da região sul: Um estudo variacionista.** Florianópolis. Dissertação (mestrado em linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

Variações da Língua. Por Vânia Duarte, graduada em Letras. Disponível no site Brasil Escola. <http://www.brasilescola.com/gramatica/variacoes-lingua.htm>. Acesso em 10/12/2013.

VYGOSTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Editora Ridendo Castigat Mores,1962.112p.